



Os Números da Crise dos Alimentos

A alimentação é um direito humano, mas um enorme contingente da população mundial vive em situação de insegurança alimentar e periodicamente o fantasma da fome volta a afligir o mundo, colocando ainda mais pessoas nessas condições. É o que se observa na atualidade quando 37 países enfrentam crises de abastecimento causadas por secas, inundações, mudança climática, preço elevado do petróleo e demanda crescente para biocombustíveis. São 21 países da África, 10 da Ásia, 5 da América Latina¹ e 1 da Europa². Esses eventos provocaram escalada dos preços dos alimentos básicos, afetando adversamente a segurança alimentar.

Tendo o ano de 2000 por base do índice, os dados³ mostram que a escalada dos preços dos cereais e óleos comestíveis começou em 2002, com crescimento de 11% e 26%, respectivamente. Em 2003 o índice médio de preços dos alimentos atingiu 110 e daí em diante não parou de crescer, puxados inicialmente por cereais e óleos, mas a partir de 2004, também pelos produtos lácteos, resultando em aumento médio de 69% até 2007. Carnes e açúcar foram os que menos contribuíram para a inflação dos alimentos, com aumento de 21% e 23% entre 2000 e 2007, respectivamente. Nesses sete anos os óleos tiveram aumento de preços da ordem de 142%, os lácteos acumularam aumento de 133% e os cereais, de 98% (Tabela 1).

Em 2008 os cereais e óleos lideraram a elevação dos preços, com altas de 27% e 26%, respectivamente, entre dezembro de 2007 e março de 2008. O açúcar vem logo em seguida com 23% e as carnes, com 8% de aumento. Somente o grupo dos lácteos teve redução de preços (-6%), resultando em incremento médio de 18% nos preços dos alimentos nos 3 primeiros meses de 2008.

No Brasil os preços dos alimentos tiveram evolução mais moderada. A partir dos índices de alimentos e bebidas que compõem o IPCA e o INPC, entre janeiro de 2000 e maio de 2008, o aumento dos preços esteve pouco acima de 80%, com certa desvantagem para os trabalhadores de renda mais baixa, pois o INPC cresceu mais⁴. Observe-se que tendo por base janeiro de 2000, até meados de 2002 os índices oscilaram entre 100 e 120, com tendência de alta. No começo de janeiro de 2003 houve uma mudança de patamar para o intervalo entre 140 e 160 onde permaneceu até maio de 2007. Daí em diante ambos mostraram nítida tendência de crescimento, ultrapassando 180 nos últimos meses da

Tabela 1 - Índice de Preços dos Alimentos da FAO, 2000 a 2008

Ano	Alimentos ¹	Carnes	Lácteos	Cereais	Óleos ²	Açúcar
2000	100	100	100	100	100	100
2001	102	100	110	102	100	106
2002	101	96	81	111	126	84
2003	110	105	99	116	146	87
2004	123	118	123	128	163	88
2005	126	121	137	122	151	121
2006	137	115	130	143	163	181
2007	169	121	233	198	242	123
Mar./07	151	121	175	174	192	128
Abr./07	153	119	201	170	208	119
Mai/07	155	119	209	172	224	115
Jun./07	162	120	238	183	236	113
Jul./07	168	120	261	184	243	125
Ago./07	174	123	271	197	251	120
Set./07	184	124	274	224	264	119
Out./07	188	122	280	231	281	122
Nov./07	195	126	285	233	307	124
Dez./07	201	123	278	257	314	130
Jan./08	212	126	265	275	347	147
Fev./08	233	130	262	324	379	165
Mar./08	237	133	260	326	396	161

¹Média ponderada dos grupos de *commodities*.

²Óleos e gorduras comestíveis de origem animal e vegetal.

Fonte: FAO (2008).

série. Apesar da aceleração dos preços no período recente, o ritmo foi menos acentuado que no resto do mundo: se nos 3 primeiros meses de 2008 a média mundial alcançou 18%, a brasileira ficou entre 6% e 7%, dependendo do índice empregado (Figura 1).

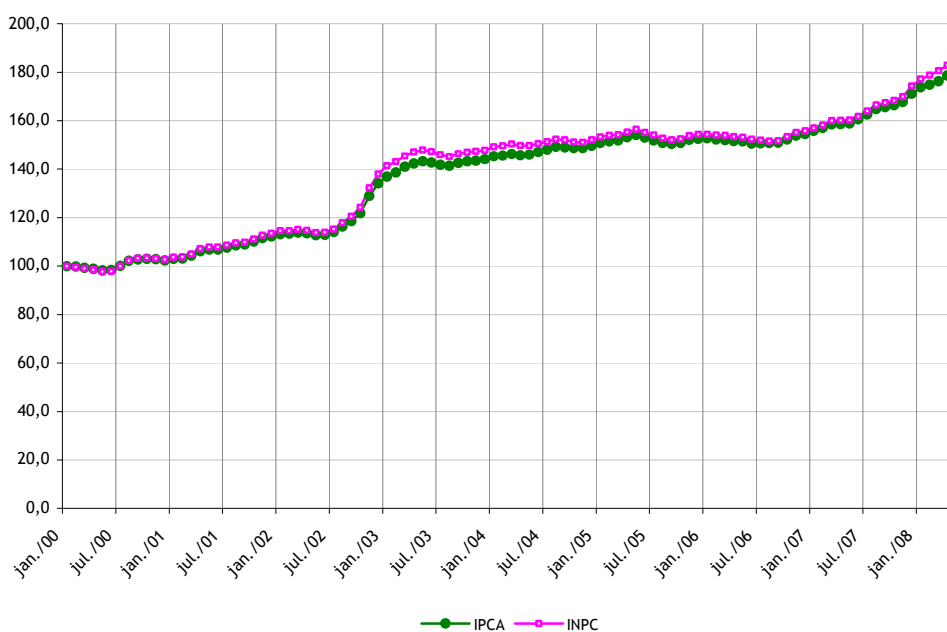


Figura 1 - Índice¹ de Preços dos Alimentos e Bebidas, Brasil, Janeiro de 2000 a Maio de 2008.

¹Jan./2000 = 100.

Fonte: IPEADATA. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: jun. 2008.

É possível que essa evolução diferenciada dos preços dos alimentos se deva ao melhor desempenho da produção nacional: o ritmo de produção dos principais grupos de alimentos no Brasil é bem maior que no restante do mundo, com exceção de raízes e tubérculos e óleos vegetais.

No caso dos cereais, principal grupo dos alimentos, enquanto a produção brasileira crescia à taxa média anual de 2,4% na década de 1990 e 3,4% entre 2000 e 2006, a produção mundial aumentou às taxas de 1,0% e 1,8%, respectivamente. Em se considerando todo o período, a taxa de crescimento da produção brasileira de cereais foi 3,3 vezes a mundial (Tabela 2).

Tabela 2 - Taxa Média Anual de Crescimento da Produção de Alimentos, 1990-2006 (em %)

Grupo de produtos	Brasil			Mundo		
	1990-2000	2000-2006	1990-2006	1990-2000	2000-2006	1990-2006
Cereais	2,4	3,4	3,3	1,0	1,8	1,0
Carnes	6,1	4,8	5,6	2,7	2,6	2,7
Lácteos	3,2	4,0	3,4	0,8	2,1	1,4
Oleaginosas	5,8	7,7	7,6	3,7	5,3	4,0
Raízes e tubérculos	-1,2	2,6	0,6	1,8	1,0	1,6
Açúcar	9,6	9,5	8,7	2,4	2,0	2,3
Óleos vegetais	4,7	5,5	5,0	4,4	5,4	4,6

Fonte: FAOSTAT (2008).

Na produção de açúcar a diferença a favor do Brasil é quase o quádruplo: taxa anual de crescimento de 8,7% contra 2,3% entre 1990 e 2006. Com isso, de participação da ordem de 7% na produção mundial em 1990, o país passou a quase 20% no período recente.

Do melhor desempenho brasileiro na produção de carnes, com ritmo de crescimento maior que o dobro do mundial, resultou que, de 4,3% da produção mundial em 1990, o país evoluiu para mais contribuição com 7% a partir de 2003. Oleaginosas são o grupo de produtos que contribui com parcela mais elevada: partiu de cerca de 6% da produção mundial no início da década de 1990, chegou ao pico de 9,5% em 2003 e terminou a série com 8,2% do total (Figura 2).

Para os lácteos é nítida a tendência de crescimento da participação brasileira: de menos de 3% da produção mundial evoluiu para 4% entre os extremos da série, praticamente sem variabilidade.

O Brasil cresceu também na produção de cereais, mas este é o grupo de menor participação brasileira. Dos mais de 2 bilhões de toneladas produzidas no mundo em 2006, o Brasil contribuiu com cerca de 64 milhões de toneladas, o equivalente a pouco mais de 2,5% do total.

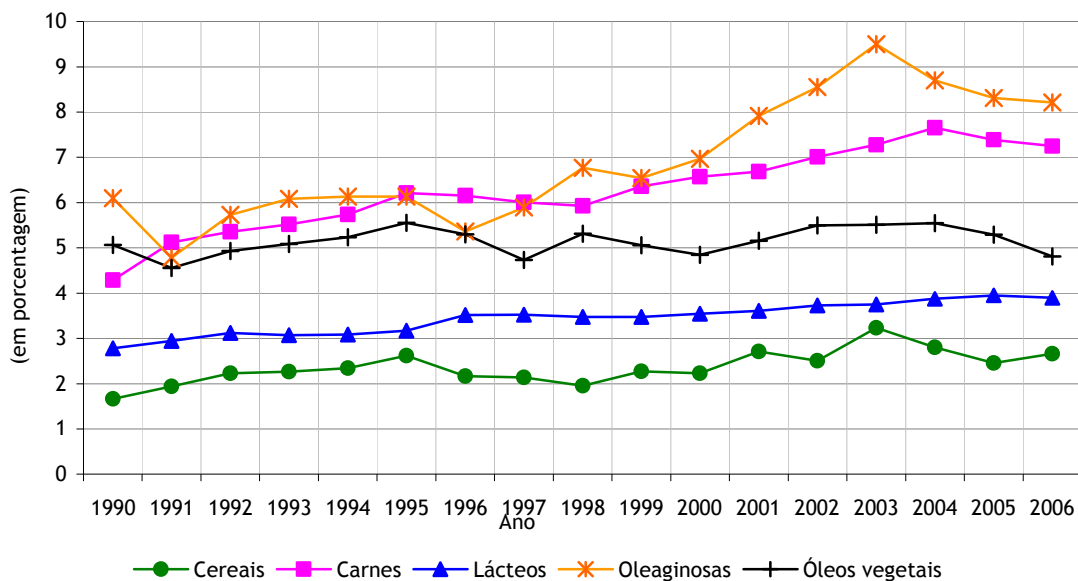


Figura 2 - Participação do Brasil na Produção Mundial de Alimentos, 1990-2006.

Fonte: FAOSTAT (2008).

No passado se dizia que o Brasil era o celeiro do mundo, porém, por muito tempo isso não passou de retórica dos próprios brasileiros. Hoje a realidade é outra: especialistas do mundo todo vêem o País como o provedor mais capacitado para arrefecer a crise de alimentos, e parece que já vem cumprindo essa tarefa com razoável desempenho. O valor de suas exportações de produtos agrícolas vem crescendo a taxas de quase 20% ao ano⁵.

Observe-se que o Brasil passou a exportar em ritmo acelerado até mesmo produtos cujo valor das exportações era irrisório no passado. Destaque-se que, entre 2000 e 2007, os cereais (capítulo 10) e os produtos lácteos (capítulo 4) registraram taxas anuais de crescimento de 99,0% e 45,5%, respectivamente. Comparando-se os 5 meses iniciais de 2007 e 2008, as taxas de crescimento são ainda maiores: 111,7% para cereais e 140,0% para lácteos (Tabela 3).

O grupo de carnes (capítulo 2) teve expansão do valor exportado à taxa de 29,1% nos últimos 7 anos: de US\$1,6 bilhão em 2000 cresceu para US\$9,6 bilhões em 2007 e nos 5 meses iniciais de 2008 já alcançou US\$4,8 bilhões, a despeito das restrições impostas às exportações brasileiras de carne por importantes importadores, como é o caso da União Européia.

No conjunto as exportações brasileiras de alimentos cresceram à taxa média anual de 19,2%: de US\$12 bilhões, em 2000, evoluíram para quase US\$40 bilhões em 2007⁶. Nos 5 meses iniciais de 2008 essas exportações totalizaram US\$19,2 bilhões, correspondentes a um acréscimo de 31,6% sobre igual período do ano anterior. Esses números parecem indicar que o Brasil vem fazendo sua parte no abastecimento do mundo.

Tabela 3 - Valor das Exportações, Brasil, 2000, 2007 e 2008

NCM	Descrição do Capítulo NCM	US\$ milhão		Part. % ¹	US\$ milhão		Part. % ³
		2000	2007		2007 ²	2008 ²	
01	Animais vivos	5,7	284,9	74,9	37,2	138,2	272,0
02	Carnes e miudezas, comestíveis	1.605,6	9.613,3	29,1	3.602,0	4.821,0	33,8
03	Peixes, crustác., moluscos e outs. aquáticos	227,5	284,4	3,2	89,0	75,3	-15,4
04	Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc	25,0	345,7	45,5	94,5	227,0	140,1
05	Outros produtos de origem animal	76,5	273,3	19,9	106,1	144,8	36,4
06	Plantas vivas e produtos de floricultura	12,0	35,3	16,6	12,5	12,1	-3,2
07	Prod. hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis	22,3	52,0	12,9	19,7	6,6	-66,6
08	Frutas, cascas de cítricos e de melões	370,2	915,4	13,8	292,7	331,9	13,4
09	Café, chá, mate e especiarias	1.681,3	3.604,2	11,5	1.437,7	1.631,5	13,5
10	Cereais	16,5	2.042,6	99,0	404,1	855,3	111,7
11	Prod. indústria de moagem, malte, amidos, etc.	9,6	52,1	27,2	20,4	19,1	-6,1
12	Sementes e frutos oleag., grãos, sementes, etc.	2.212,9	6.818,7	17,4	2.629,6	4.314,0	64,1
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	28,6	51,6	8,8	19,6	28,9	47,3
14	Materias p/ entrançar e out. prod. origem vegetal	3,9	2,3	-7,2	0,7	2,0	167,5
15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc	468,7	1.936,3	22,5	586,9	1.096,7	86,9
16	Prepar. de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	337,3	1.530,8	24,1	659,5	754,9	14,5
17	Açúcares e produtos de confeitaria	1.294,4	5.284,3	22,3	1.987,0	1.653,5	-16,8
18	Cacau e suas preparações	163,2	364,9	12,2	127,3	156,9	23,2
19	Prepar. à base de cereais, farinhas, amidos, etc.	52,4	198,4	21,0	52,3	111,6	113,6
20	Prep. de produtos hortícolas, de frutas, etc.	1.134,5	2.470,8	11,8	1.069,3	905,9	-15,3
21	Preparações alimentícias diversas	571,9	860,5	6,0	312,6	427,8	36,9
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	105,2	1.557,9	47,0	642,5	731,3	13,8
23	Resíduos e desperdícios das ind. alimentares, etc.	1.713,3	3.190,6	9,3	1.144,3	1.721,8	50,5
24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	841,5	2.262,4	15,2	666,5	788,4	18,3
50	Seda	50,7	37,0	-4,4	11,7	14,7	25,5
51	Lã, pelos finos/grosseiros, fios e tecidos de crina	22,2	29,8	4,3	14,2	14,3	0,7
52	Algodão	262,9	830,3	17,9	205,8	302,0	46,8
53	Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	22,3	52,5	13,0	25,4	20,5	-19,3
Soma ⁴		13.338,2	44.982,2	19,0	16.271,0	21.307,8	31,0
Alimentos ⁵		12.011,8	39.889,9	18,7	14.654,5	19.284,4	31,6
Total geral		55.118,9	160.649,1	16,5	60.095,8	72.051,4	19,9

¹Taxa anual de crescimento.²Janeiro a maio.³Varição entre janeiro e maio de 2007 e de 2008.⁴Engloba os capítulos dos principais produtos agrícolas.⁵Soma, exclusive capítulos 1, 6, 14, 22, 24, 50, 51, 52 e 53.Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC/SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR - SECEX. Sistema de análise das informações de comércio exterior (ALICE). Disponível em: <<http://aliceweb.de-senvolvimento.gov.br>>. Acesso em: jun. 2008.¹Na América Latina os países sob insegurança alimentar são: Bolívia, República Dominicana, Equador, Haiti e Nicarágua.²FAO's GLOBAL INFORMATION. Crop prospects and food situation. n. 2. Apr. 2008. Disponível em: <<ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/010/ai465e/ai465e00.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2008a.³FAOSTAT database. Disponível em: <<http://apps.fao.org/subscriber>>. Acesso em: jun. 2008b.⁴O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) é baseado na cesta de consumo do assalariado urbano que recebe entre 1 e 6 salários mínimos. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) abrange as famílias urbanas com rendimentos mensais compreendidos entre 1 e 40 salários mínimos, qualquer que seja a fonte de rendimentos. Ambos têm a coleta de preços entre os dias 1º e 30 de cada mês. Entre 2000 e maio de 2008, os preços da cesta de alimentos do IPCA aumentaram 82,1% e os do INPC, 86,9%.⁵Os cálculos foram feitos a partir das informações disponíveis em MDIC/SECEX, por capítulo da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM). A maior parte dos produtos agrícolas se encontra nos capítulos 1 a 24 e 50 a 53.

⁶Foram classificados como alimentos os primeiros 23 capítulos da NCM, exclusive 1, 6, 14 e 22. Naturalmente nesse grupo há produtos que têm outra destinação.

Palavras-chave: crise de alimentos, exportação, segurança alimentar, comércio exterior.

Maria Auxiliadora de Carvalho
Pesquisadora do IEA
macarvalho@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação: 01/07/2008